

HAITI: A BANDEIRA DOS ORIXÁS



MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 10

HAITI: A BANDEIRA DOS ORIXÁS ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Reza a boa antropologia, os símbolos constituem um manancial de significados, que além de expressarem ideias e sentimentos, modelam e ofertam sentido às relações que mantemos com o mundo real.

Neste sentido, os símbolos transmitem mensagens, expectativas e noções, captadas, entendidas e amplificadas pelo público iniciado nos seus segredos.

Assim, mesmo quando mascaradas, travestidas ou introjetadas em outros contextos, as simbologias mantêm a vivacidade e a determinação matricial dos conceitos e das concepções.

Este seria o caso da bandeira do Haiti (Figura 1), expressão máxima da grandiosa Revolução Haitiana (1791-1804), a maior insurgência bem-sucedida de escravos da história mundial.



FIGURA 1 - Bandeira nacional da República do Haiti
(Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-03-2017)

Retenha-se que esta luta independentista foi a única que desafiou com sucesso três grandes potências ocidentais: França (a potência colonizadora), a Espanha e o Reino Unido.

Dura, longa e violenta, o confronto com o colonialismo francês estendeu-se até o ano de 1803, quando o povo haitiano, sob liderança de Jean-Jacques Dessalines, assombrou o mundo ao impor uma derrota final aos franceses na famosa Batalha de Vertières (Figura 2).



FIGURA 2 - Tela de Jean-Pierre Ulrick, artista haitiano radicado nos Estados Unidos, retratando a Batalha de Vertières, ápice da Revolução Haitiana, marcada pela vitória do exército rebelde sobre as forças do colonialismo francês. No primeiro plano, montado num cavalo branco, destaca-se Jean-Jacques Dessalines, arquiteto da vitória militar sobre o exército colonialista francês (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/pin/313422455313018742/> >. Acesso: 11-03-2017)

Note-se que esta impressionante vitória dos insurgentes anula o numeroso, experiente e bem armado corpo expedicionário despachado por Napoleão ao Haiti para sufocar a rebelião negra fora obtida sem qualquer auxílio externo.

Pelo contrário, o exército haitiano era basicamente composto por soldados que poucos anos antes, eram tão só escravos que labutavam sob o látego dos capatazes das plantações coloniais.

Nada semelhante a estes acontecimentos tivera lugar na história mundial. Seria como registrar a derrocada da República Romana diante das milícias de Espartacus ou a capitulação do esquema latifundista colonial brasileiro frente aos combatentes quilombolas.

Diga-se de passagem, o Haiti pagou um preço altíssimo por sua ousadia, sendo hostilizado e relegado ao isolamento diplomático sem tréguas pelo chamado “mundo civilizado”, inconformado com a altivez da insurgência negra.

Mas também é certo que o Haiti venceu, protagonismo de um povo inteiro, unido e empolgado por intenso e irrefreável fervor nacionalista, e em igual medida, por um programa político antiescravista, anticolonial e antifrancês, temperado com notas candentes da filosofia iluminista.

Todavia, há uma nota singular na insurreição haitiana, visto que os revoltosos eram também embalados pelas vozes das entidades com as quais se comunicavam através dos rituais da religião Vodou, trazidas da África e com enorme prestígio nas terras da América.

Isto posto, atando o que ponderamos no início deste artigo, voltemos nossa atenção para alguns fatos bastante reveladores explicitados no pendão nacional desta nação caribenha.

A imagem que ilustra este parágrafo (Figura 3) reproduz o brasão de armas da República do Haiti, ao que tudo indica oficializado em 1807, poucos anos após a confirmação da independência (1804).

Como é possível observar, este emblema nacional mostra seis bandeiras do país - três de cada lado - postadas a partir da palmeira situada ao centro da imagem e dois canhões, seis baionetas e dois machados, também lado a lado.

No gramado são encontradas duas cornetas, duas âncoras e bem próxima de um tambor, uma corrente partida. Encimando a palmeira, está um barrete frígio, símbolo identificado com as lutas iluministas e republicanas.



FIGURA 3 - Brasão de armas do Haiti (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-03-2017)

A imagem traz uma mensagem expressa na fita, o conhecido bordão *L'Union Fait La Force* (“A União Faz a Força”, em francês), divisa inspirada no fabulista grego Esopo, que tornou-se patrimônio comum a muitos movimentos libertadores.

Atente-se que este brasão de armas figura estrategicamente no centro da bandeira nacional do Haiti, particularidade que no mais, se repete nos pendões de muitos outros países.

Assim sendo, a primeira vista trata-se formalmente de uma bandeira oficial, símbolo máximo de um Estado independente. Aliás, é justamente este o sentido visual imediato comunicado ao senso comum e aos não iniciados.

Entretanto, é interessante notar que embora a simbologia seja em princípio europeia (caso dos tambores, flâmulas, baionetas, canhões, fuzis e assim por diante), o texto

visual está calcado na vivência nacionalista local, que paralelamente às interpretações de cunho mais institucional, permitem na mesma linha de abordagem uma vinculação com a religião Vodou e com o acervo cultural haitiano.

Isto é bastante claro na palmeira, eixo da imagem e representação simbólica da independência, um claro elemento da flora local, por sinal sustentando o barrete frígio, o que já sinaliza para uma reinterpretação imagética com base na experiência haitiana.

A corrente partida, neste senso, é uma clara indicação de que este corpo de ideias vinculou-se, no Haiti, à extirpação total e absoluta da escravidão, item da pauta independentista latino-americana que no final das contas, somente foi levada até suas últimas consequências pelos revolucionários haitianos.

O tambor, instrumento sonoro que na cota de armas aparece na versão europeia, pode por outro lado ser uma evocação cifrada dos tambores do Vodou, religião intrinsecamente vinculada à rebelião dos escravos negros.

Aliás, o vermelho e o azul, institucionalmente codificados como representação dos escravos e dos mulatos, atores por excelência da luta anticolonial, são no Vodou haitiano as cores de Ougou ou Ogun, Orixá da Guerra.

De acordo com as narrativas da religião Vodou - assim como para o Vodum da tradição Ewe-Fon, para o Candomblé brasileiro, para o Vudu da Louisiana e para a Santeria de Cuba - Ogun controla e está no comando de imensos poderes.

Altamente respeitado e temido, Ogun ensinou a Humanidade como conquistar e como dominar o medo, o fogo e as armas. É por isso que algumas pessoas se referem a ele como um Espírito ferreiro ou o Deus de Ferro, metal com o qual as armas são feitas.

Neste sentido, Ogun torna-se herói do povo haitiano, espírito de coragem, expressão da autodeterminação nacional.

Além disso, a cor verde na iconografia Vodou possui vários significados: abundância, fertilidade, riqueza. Mas também implica em renascimento. Isto é: independência.

O amarelo está relacionado ao sucesso: justamente a cor da palmeira, dos canhões e dos mastros. Ou seja: vitória contra os franceses com base na identidade e na força das armas.

Quanto ao bordão, a mensagem confirma que se tratou de uma rebelião generalizada formando um só corpo de insurgentes, onde a força, no caso, tremendamente maximizada pela união dos insurgentes, voltou-se contra o poder colonial estrangeiro e a elite latifundiária francesa.

Expressão da identidade haitiana, a bandeira desta república negra demonstra, portanto o quanto os símbolos mais profundos e amados podem estar presentes e atuantes, veiculando sentidos que em princípio, seriam somente um prosaico lugar-comum.

Esta é a predisposição demonstrada pela bandeira haitiana. Mas igualmente uma volição de todas as sociedades e culturas humanas.

Trata-se de uma clara demonstração do quanto os símbolos mais profundos animam a alma de povos, grupos e nações.

Em especial quando os símbolos expressam a resistência e autonomia de resilientes comunidades de destino.

¹ **Haiti: A Bandeira dos Orixás** é um artigo digital primeiramente disponibilizado aos 14 de Setembro de 2016 no **Blog Foco de Fato - Notas e Comentários Politicamente Incorretos**. A presente edição deste texto foi masterizada em Julho de 2017 pela **Editora Kotev (Kotev ©)** para fins de acesso livre na Internet. A edição de 2017 foi levemente ampliada e inclui três novas imagens, incorporando também as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A confecção do formato eletrônico contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **Haiti: A Bandeira dos Orixás** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da Editora Kotev. A citação do material deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e apensos editoriais de acordo com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Haiti: A Bandeira dos Orixás*. Série Africanidades Nº. 10. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, jornalista, editor, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de

investigações mantido pelo governo da França (Confira-se: Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

SAIBA MAIS SOBRE A RESISTÊNCIA NEGRA E AFRICANA:

RAINHAS, ESPIÃS E SOLDADOS:

A História das Mulheres Etíopes nas Atividades Militares



TSEDAY ALEHEGN

Tradução de Maurício Waldman



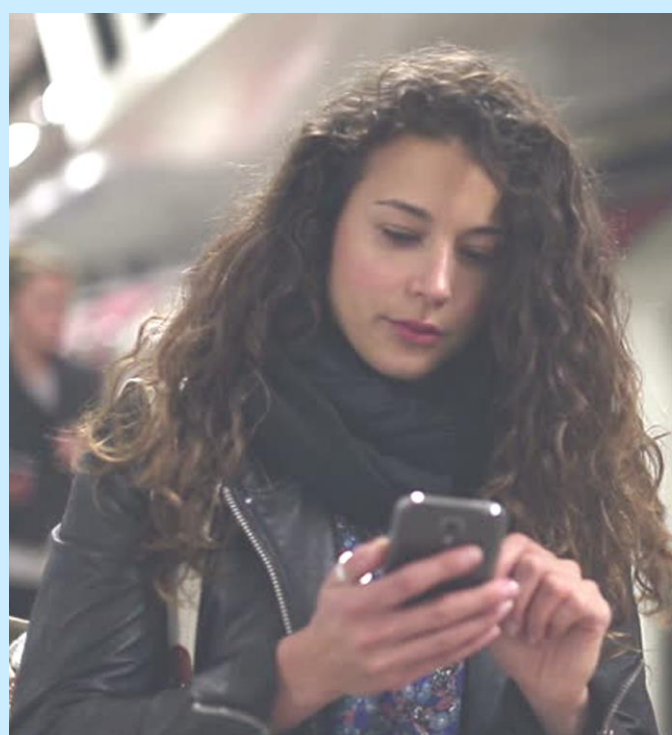
**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 13**

http://mw.pro.br/mw/africanidades_13.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida, estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br